

### História Oral – busca de definições

Uma necessidade de relatar, de contar e registrar suas angústias logo após a Segunda Guerra Mundial, deu luz a uma nova ciência no campo da História: a História Oral. Segundo Philippe Joutard, a História Oral, apesar de ter começado em 1948, só se consolidou a partir da década de 60:

“A História Oral começou no dia 18 de março de 1948, quando Alan Nevin, da Universidade de Columbia, fez sua primeira entrevista com um político de sua cidade, George Mac Aneny. (...) a História oral nasceu nos Estados Unidos pouco depois da Segunda Guerra Mundial, mas só foi difundida fora de suas fronteiras no final da década de 60 com desigualdades notáveis, sendo o Reino Unido o primeiro afetado; (...) a França se contagiou mais tarde, somente há cinco ou seis anos (1978)”<sup>1</sup>.

Se Joutard marca o nascimento da nova ciência cabe a Portelli defini-la: A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. Portanto, apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição, impossível sem ele. (...) A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória<sup>2</sup>.

O que fascina novos estudantes em História Oral é seu compromisso não somente com a democracia, mas com sua vinculação ao momento presente. A História Oral pode subverter a interpretação do passado, a partir do próprio passado. Com isso, a realidade imediata estará todo tempo organizando busca de explicações a qualquer passado. Para o historiador José Carlos Sebe, “História Oral só se realiza na democracia.

---

\* Joëlle Rouchou é jornalista, professora da UniverCidade, assessora de Comunicação da Casa de Rui Barbosa e doutoranda em Ciências da Comunicação na ECA-USP.

1 Joutard, P. in *Essas vozes que nos llegan del pasado*, ed Fondo de Cultura Economica, México, 1986, p. 108 e 109

2 Portelli, A. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*, in Projeto História nº 15, São Paulo, abril 1997

Sem liberdade não há História Oral.”<sup>3</sup>

Se os historiadores descobrem as delícias da entrevista como fonte primordial para a pesquisa histórica, os jornalistas utilizam os depoimentos como matéria principal para as reportagens: não há matéria em jornal ou revista que não conte, como base, com depoimentos dos entrevistados. Este trabalho é uma reflexão sobre as possibilidades de aproximação entre História e Jornalismo, e um dos pontos comuns pode ser a entrevista utilizada nas duas disciplinas. Em Comunicação há pouca bibliografia sobre técnicas e uso das entrevistas, a ética necessária no trato com as fontes, enquanto em História há um debate aberto sobre a função e a legitimidade da História Oral. Manuais são editados por diversas correntes do pensamento histórico, discussões e rugas fazem parte da afirmação da Oralidade. Uma das críticas à nova disciplina seria uma cientificidade duvidosa. Para os jornalistas, a voz dos entrevistados é vital. Para uma história contemporânea parece generoso dar oportunidade àqueles que não puderam falar, nem contar suas alegrias e tristezas, durante períodos de censura. A maneira como esse discurso é relatado, cotejado com a história oficial, pode ser uma viagem no tempo com lastro na realidade que se encontra ao lado, clamando para ser ouvida. Afinal tanto uma reportagem especial como uma tese de doutorado ou uma dissertação de mestrado têm a mesma estrutura: mergulhar em arquivos, viver, ler, ler e ler e depois juntar todos os pedaços num texto. Não é isso que o jornalista faz diariamente? Não é este o objetivo do pesquisador, produzir um texto com idéias originais, baseado em conversas, livros e arquivos?

Tentaremos perceber aqui como funciona a entrevista em História Oral e como esse recurso é utilizado em Jornalismo. Teremos um pouco de história.

O professor Sebe é um ardoroso defensor da História Oral como disciplina e não apenas como uma técnica. Para ele a História Oral é o momento central, no qual está contido o documento principal, que é o depoimento. Ele entende que o ponto de partida é o documento oral, a partir do qual se organizam as demais fontes integradoras ou não do discurso analítico. Para ele, a História Oral nasceu como ferramenta, como ponto de apoio para buscar a verdade onde esta não aparecia. Onde não há documentação recorre-se à História Oral.

“Isso significa reduzir a prática da História Oral à supressão de

---

3 Sebe Bom Meihy, J.C. Aulas de História Oral na Faculdade de História da USP, curso de pós-graduação, 2º semestre de 1999.

lacunas de documento. O que evidentemente é muito pouco, é uma atitude positivista. É confundir experiência com a História contida no documento. É a diferença entre verdade e experiência.”<sup>4</sup>

A verdade positivista implica que existe apenas uma verdade que deve ser colocada a serviço da população. Nos anos 30 consagra-se a validade de outro conceito que vai brigar com esse pressuposto monolítico: o conceito da experiência, no qual não há apenas uma verdade, mas verdades a partir de determinadas versões. A História Oral dá voz a outros personagens da História, nem sempre os vencidos, mas aqueles que não teriam sequer o direito de figurarem em algum manual de História – como, por exemplo, os torturados no período da ditadura no Brasil nos anos 70, as comunidades gays, os presidiários ou, ainda os judeus do Egito que imigraram para o Brasil. Esse grupo é o tema central de estudo em curso no programa de doutorado na ECA/USP. Sem recorrer aos métodos da História Oral talvez utilizasse apenas as entrevistas jornalísticas para registrar fontes históricas orais. Esse ponto será tratado neste trabalho quando analisarmos as diferenças e semelhanças entre a História Oral e o Jornalismo.

A História Oral oferece várias possibilidades, entre elas: História Oral de vida; História Oral temática e Tradição Oral. Na primeira categoria, a narrativa é o ponto mais importante, onde o testemunho é a fonte de riqueza e de análise. Evita-se fazer perguntas, o que vai interessar é o que o entrevistado vai contar. No caso da História temática, levanta-se um fato, um acontecimento, e as entrevistas com as testemunhas, participantes ou simples espectadores do acontecimento vão limitar seu discurso àquele fato. Já a tradição oral é literatura oral, que se reporta a toda oralidade transmitida oralmente. Elas também podem ser utilizadas uma dentro da outra como, por exemplo, trabalhar a tradição oral das baianas no carnaval.

Várias correntes de historiadores têm visões diferentes sobre a História Oral. O próprio Joutard na conclusão de seu livro *Esas voces que nos llegan del pasado*, não encontra um termo para História oral:

“É evidente que a expressão “história oral” é inadequada por duas razões: porque o discurso oral puro não existe em nossas sociedades e sobretudo, porque um testemunho oral só adquire seu verdadeiro significado se comparado ao documento escrito, ambos se interpelam mutuamente. (...) Inventar outro termo? Porém qual? A palavra documento merece as mesmas

---

4 Sebe Bom Meihy, JC. citado

críticas do que a de arquivo. Talvez pudéssemos dizer fontes orais, mas novamente encontramos pelo menos uma parte da ambigüidade da História Oral; estamos verdadeiramente certos do caráter inteiramente oral do discurso? De fato, nenhum termo corresponde à realidade da prática, porque a prática é ambígua e equívoca. Portanto, aconselho que cada um utilize o termo que escolher tendo consciência dos limites da palavra.”<sup>5</sup>

O mesmo Joutard faz um balanço de 25 anos de História Oral, mas continua sem responder efetivamente a sua pergunta sobre a disciplina. Reunindo dados de História Oral em diferentes países – como Estados Unidos, Itália, México, Brasil, França e Japão –, Joutard percebe que a primeira geração de oralistas que nasceu nos Estados Unidos pretendia apenas colher material para os historiadores do futuro, uma ferramenta para os biógrafos que seguirão. Mas na Itália surge, no final dos anos 60, uma segunda geração de oralistas que não encara mais a História Oral como uma simples fonte e sim como uma “outra História”, vizinha da Antropologia, que dá voz aos “povos sem História”: analfabetos, vencidos, marginais, operários, negros e mulheres. O historiador nos lembra: “É uma História alternativa, não somente em relação à História acadêmica, mas em relação a todas as construções historiográficas fundadas na escrita.(...)Ela está implicitamente baseada na idéia que, graças ao testemunho oral, atinge-se a ‘verdade do povo’.”<sup>6</sup>

Um de seus comentários interessa particularmente no caso do trabalho sobre os judeus do Egito. Joutard detém-se, em alguns momentos, sobre os fenômenos migratórios, mais particularmente a historiografia judaica:

“O caso da História Oral judaica é evidentemente específica, já que transcende as historiografias nacionais. Mas merece uma atenção particular de um outro modo, pela ligação privilegiada entre memória oral e tradição, que Fabienne Regard assinala no princípio de sua comunicação, tanto em sua dimensão religiosa e festiva (lembramos a *Hagada* que acompanha *Pessach*), mas também histórico com as diversas diásporas. Essa ligação tomou proporções maiores com o drama do holocausto, que torna ainda mais necessário o dever da memória, não somente como dever de lembrar-se, mas como dever de transmitir uma experiência indizível

---

5 JOUTARD, *L'histoire orale: Bilan d'un quart de siècle de réflexion méthodologique et des travaux*. Tradução livre.

6 JOUTARD, citado p. 375.

para evitar que esse acontecimento único se reproduza.”<sup>7</sup>

Na conclusão de seu artigo, Joutard aponta as dificuldades de diálogo entre os militantes da História Oral. Acredita na eficácia da História Oral e incensa todas as fatos que ela trouxe para o entendimento da História. Ele sugere que haja procedimentos científicos na história oral e lança cinco desafios. O primeiro trata dos avanços tecnológicos dos *audio-books* e das videocartas. O segundo refere-se à reflexão metodológica ligada aos debates com as disciplinas vizinhas como a Sociologia, a Etnologia ou a Linguística. Chama a atenção ainda, para a urgência de se responder à pergunta formulada por Jean-Pierre Wallot citada em sua fala: ‘até que ponto o testemunho oral se presta a uma utilização fora do contexto e não prevista por seus criadores?’. O terceiro desafio diz respeito ao diálogo dos diferentes projetos de História Oral com os demais projetos nas áreas de arquivo, jornalismo, estudantes ou grupos em busca de suas identidades. O quarto desafio sugere o descobrimento dos analfabetos na civilização da escrita, que Joutard emprestou de Mercedes Vilanova. No quinto e último desafio, pergunta-se se é possível levantar as situações históricas extremas que acarretam um traumatismo profundo na memória.

Joutard termina com um pensamento generoso e abrangente em relação à História: “Se a História Oral tem um papel a representar em relação à profissão em geral, é o de lembrar que para ser totalmente ‘a ciência dos homens no tempo’, a História deve ser também uma arte.”<sup>8</sup>

### Entrevistas em História Oral

Se a discussão teórica sobre rumos, metodologia e ética em História Oral parece estar longe de chegar ao fim, o trabalho de campo continua e é um dos elementos mais fascinantes do projeto. Entrevistar testemunhas dos fatos, privar de sua intimidade, freqüentar sua casa, passear por seus álbuns de fotografias, tomar talvez um cafezinho, ou ainda emprestar um lenço para secar algumas lágrimas é absolutamente fascinante. Apesar da necessidade de um olhar crítico sobre os depoimentos, é inegável também o envolvimento com esses indivíduos. Agora não são mais frios documentos que se analisa, mas os personagens da História, ao vivo, com a contextualização necessária para o melhor entendimento das

---

7 JOUTARD, citado.

8 JOUTARD, citado.

pequenas Histórias que vão compor o projeto maior.

Vale lembrar que a História Oral, além de pressupor a democracia, deve ter um projeto bem definido, explicar com a maior precisão do que trata o projeto, esclarecer metodologicamente quais as tecnologias utilizadas, recursos empregados. O leitor vai fazer parte desse projeto. Em História Oral, ele vai participar da montagem da História, uma vez que lhe serão apresentadas várias facetas de uma mesma História. O que vai organizar todo o texto é o tom vital. Ele será um fio condutor que vai incorporar todos os textos dentro do texto final. Os oralistas trabalham com colaboradores e não com informantes em suas entrevistas. É mais um parceiro que vai lançar novas luzes sobre o tema proposto pelo autor do projeto. Aqui caberia abrir uma outra discussão, que seria a autoria do texto em História Oral, uma vez que a relação é construída entre as duas partes: o oralista e seu colaborador. Mas talvez fosse mais produtivo entrar no ponto central do trabalho – entrevistas – não sem antes chamar atenção para esse ponto.

As entrevistas em História Oral podem ser múltiplas ou únicas. Esse procedimento vai depender do tipo de projeto a ser desenvolvido. O importante é que essas falas tenham consistência, que haja espontaneidade. A volta ao mesmo entrevistado é sempre benéfica, uma vez que sua memória será avivada com a primeira entrevista e novas lembranças deverão ser trazidas para um segundo, terceiro ou quarto encontro.

O lugar da entrevista deve ser escolhido pelo narrador, para que ele se sinta mais à vontade. É possível que num primeiro encontro ele escolha um lugar neutro, até que ganhe confiança no projeto, e depois convide para que as próximas visitas sejam feitas em sua casa. A casa é sempre mais produtiva para o entrevistador, uma vez que ele poderá analisar o entorno do narrador, perceber como ele vive, se veste, arruma sua casa, onde guarda seus objetos. Tanto o gravador como a câmera de vídeo devem ser autorizados pelo narrador, para que se faça uso do registro de suas palavras e de sua imagem.

O Programa de História Oral do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação da FGV - Rio) prevê, ao todo, seis etapas no processo da passagem do depoimento da forma oral para a escrita. São elas: transcrição, conferência de fidelidade, copidesque, leitura final, digitação e revisão de digitação. Como nem todas as entrevistas puderam ser transcritas e revisadas, por falta de pesquisadores, o programa decidiu liberar ao público as entrevistas gravadas, acompanhadas de uma ficha que facilitam o entendimento do pesquisador. Nas fichas estarão referências a trechos poucos cla-

ros, uma lista de nomes citados pelo entrevistado, descrição de gestos, expressões faciais, que dão mais informações sobre o entrevistado. Verena Alberti descreveu a situação do arquivo do Centro:

“À medida que o pesquisador escutar a gravação, poderá seguir a ficha de orientação de escuta onde as observações se sucederão na mesma ordem em que as passagens a elas correspondentes aparecem na entrevista. (...) Na passagem do documento da forma oral para a escrita, a transcrição constitui a primeira versão escrita do depoimento, base de trabalho das etapas posteriores. (...) O resultado é um material bruto, muitas vezes extenso, que corresponde, em laudas datilografadas, ao conteúdo das fitas da entrevista.”<sup>9</sup>

Em seu manual, Sebe<sup>10</sup> analisa a metodologia de entrevistas em História Oral sistematizando e pensando a disciplina. Antes de estruturar as entrevistas, o professor sugere que haja um projeto muito bem amarrado e organizado, com uma “entrevista zero”, que ele chama de “ponto zero”: a primeira entrevista que vai permitir a formação de uma rede de entrevistados. Esse primeiro entrevistado talvez seja o mais bombardeado com perguntas básicas que serão verificadas com os demais. Mas servirá como parâmetro de entendimento da situação que se está pesquisando. Caberá ao autor amarrar todas as entrevistas, dar linha e forma a seu intento.

Não se trata aqui apenas de técnicas de entrevista, há uma questão ética que deve estar presente permanentemente na discussão. Afinal, as entrevistas vão servir como documentos sobre os assuntos escolhidos. Janaína Amado resume bem essa questão:

“Conversar com os vivos implica, por parte do historiador, uma parcela muito maior de responsabilidade e compromisso, pois tudo aquilo que escrever ou disser não apenas lançará luz sobre pessoas e personagens históricos (como acontece quando o diálogo é com os mortos), mas trará conseqüências imediatas para as existências dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais. Nesse sentido existe semelhança entre o trabalho dos historiadores que pesquisam fontes orais e o dos jornalistas, cujos textos também têm o imenso poder de influenciar direta ou indiretamente os destinos das pessoas e os desdobramentos dos fatos a que se referem.”<sup>11</sup>

9 ALBERTI, Verena *História Oral: a experiência do CPDOC*, Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1990.

10 SEBE Bom Meihy, J.C. *Manual de história oral* São Paulo: Loyola, 1997.

11 AMADO, Janaína “A culpa nossa de cada dia: ética e História Oral”. In PERELMUTTER, D. e ANTONACCI, M. A. (org) *Ética e história oral*. Coleção Projeto História 15. São Paulo: Educ, 1997. p 145-155

A entrevista também é um dos instrumentos básicos do jornalista. É preciso entender qual a função da entrevista, especificar do que trata esse instrumento tão caro à História Oral e fundamental para o Jornalismo. Poucas matérias de jornal apresentam-se sem a entrevista. Por menor que seja a nota, a notícia foi captada por uma entrevista, via telefone ou ao vivo. Será necessário apontar as diferenças e seu uso em cada área do conhecimento.

Como se sabe, há pouco material publicado sobre teoria do jornalismo. Enquanto em História é possível pensar a entrevista como questão, levantar calorosas discussões sobre a validade ou não da História Oral, construir teorias sobre o melhor uso desse instrumento, o Jornalismo não discute essa questão com seriedade, tratando a entrevista como uma técnica da prática diária do ofício do jornalista.

Um passeio nas redações ou em salas de aula de Jornalismo permite afirmar que não é sempre clara a função do jornalista diante do entrevistado e a condução de uma entrevista. Manuais de redação ensinam como devem ser entrevistas tecnicamente, com perguntas curtas, incisivas, agressivas, mais contundentes, e apontam como ganhar a confiança do entrevistado.

Para que serve a entrevista em jornal? Ela deve ser editada? De que forma? Qual o tempo para esta entrevista ser publicada? Se o entrevistado pede *off* de determinado assunto, ele deve constar do texto final? Qual a estrutura da entrevista? Qual o seu objetivo? Enquanto em História ainda discute-se a cientificidade da História Oral, a entrevista pode ser um ponto de partida para novas descobertas ou a confirmação de histórias já levantadas ou, ainda, mudanças de rumo de investigações em curso.

É necessário lembrar que entrevistas publicadas em jornais, ouvidas em rádios e as televisionadas transformam-se em documentos históricos, uma vez que vão testemunhar opiniões, contextualizar fatos. Daí a necessidade da ética profissional do jornalista, com uma atitude responsável em relação às entrevistas. O jornalista, pela prática diária, sabe conduzir uma entrevista, levar o entrevistado para onde ele quer ou mudar o rumo da entrevista quando ele percebe que há assunto mais interessante em outra fala do entrevistado.

A diferença é que o historiador tem o tempo a seu lado. O jornalista joga contra o tempo. A urgência da impressão, da difusão da notícia talvez seja uma das causas da pouca seriedade no trato da entrevista.

Edgar Morin<sup>12</sup> classificou quatro tipos de entrevistas:

1) a entrevista-rito. "Trata-se de obter uma palavra, que de resto não tem outra importância senão a de ser pronunciada *hic et nunc*."

2) a entrevista-anedótica. "Muitas, a maior parte sem dúvida, das entrevistas de vedetes são conversações frívolas, ineptas, complacentes, onde o entrevistador busca a anedota picante, faz perguntas tolas sobre as fofocas e os projetos, onde o entrevistador e o entrevistado permanecem deliberadamente fora de tudo que possa comprometer. Esta entrevista se situa no nível dos mexericos."

3) a entrevista-diálogo. "Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana, é uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema."

4) as neoconfissões. "Aqui o entrevistador se apaga diante do entrevistado. Este não continua na superfície de si mesmo, mas efetua, deliberadamente ou não, o mergulho interior."

Esta classificação mostra na entrevista-diálogo e nas neoconfissões a semelhança entre a História Oral e o Jornalismo. Não é de um diálogo que trata a História Oral? Não se deseja que o entrevistador se entregue à sua memória contando tudo o que sabe e deseja sobre um determinado assunto? Mas o objetivo é diferente: enquanto em jornal busca-se trazer novidade ao público ou apresentar-lhe um personagem, a entrevista em História Oral faz parte de projeto maior de estudo sobre um tema pré-estabelecido.

Cremilda Medina vai mais adiante classificação de Morin oferecendo subdivisões dos gêneros descritos pelo filósofo, entre elas as entrevistas conceitual, enquete, investigativa, confrontação-polemização e perfis humanizados.<sup>13</sup> Medina estabelece fronteiras entre o uso da entrevista jornalística e o uso da entrevista nas Ciências Sociais.

"Nas Ciências Sociais, quando se faz uma enquete, uma pesquisa de campo, a técnica de amostragem é rigorosa. No Jornalismo, embora se dê alguma aparência de representatividade, o aleatório é o específico. (...) Por mais ambição de historiador que tenha o entrevistador, ele estará implicado em tocar o presente (atualidade); as Ciências Sociais são ambi-

12 MORIN, E. A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham et alii. *Linguagem da cultura de massa*. Petrópolis: Vozes, 1973.

13 MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

ciosas ao tentar recapturar o tempo e o espaço do homem. O Jornalismo lida, fatalmente, com as contingências da presentificação.<sup>14</sup>

Após a leitura de Medina, Morin, e dos historiadores, reler as entrevistas publicadas no livro *A arte da entrevista*, organizado por Fábio Altmann (São Paulo, Scritta, 1995), é possível perceber a diferença profunda entre a entrevista na História Oral e no Jornalismo. Não se trata aqui de analisar as técnicas de execução dessa entrevista. O jornalista detém técnicas que a rotina lhe fornece para fazer boas e completas entrevistas, com todos os limites éticos que essa tarefa encerra. Mas as semelhanças parecem terminar aí. A seqüência do trabalho – transcrever, escrever, redigir – é totalmente diferente. Enquanto historiador, como já vimos, está preocupado em ser o mais fiel possível à realidade das palavras e da situação, o jornalista vai editar a reportagem, ou seja, remontá-la de acordo com os critérios noticiosos. Os fatos mais interessantes, mesmo que declarados ao final da entrevista, poderão abrir o texto que será divulgado, sem com isso ferir as regras do jogo do diálogo entre entrevistador e entrevistado.

As diferenças entre o oralista e o jornalista existem. Porém, percebe-se que a indústria cultural, a dinâmica própria do Jornalismo, marcam essa diferença e tornam essas dessemelhanças cada vez mais claras. Enquanto o oralista prepara um documento minuciosamente, o jornalista também preocupa-se com a minúcia, mas a difusão ocupa um papel relevante que não se coloca para o historiador. Nada impede que jornalistas tornem-se bons historiadores, mas os campos estão claramente delimitados. O tempo, a velocidade de publicação, separam as duas disciplinas. Não que uma seja mais importante do que a outra: o produto final é diferente. Entrevistas publicadas em jornais também são fonte para os historiadores. Então os jornalistas fazem História?

### Bibliografia

- ALBERTI, Verena *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 1990.
- AMADO, Janaína "A culpa nossa de cada dia: ética e História Oral". In PERELMUTTER, D. e ANTONACCI, M. A. (org) *Ética e história oral*. Coleção Projeto História 15. São Paulo: Educ, 1997.
- JOUTARD, P. *Essas vozes que nos llegan del pasado*. México: Ed. Fondo de Cultura Económica, 1986.

---

14 MEDINA, C. Citado, p 18-19.

- \_\_\_\_\_ *L'histoire orale: bilan d'un quart de siècle de réflexion méthodologique et des travaux.* (Tradução livre)
- MEDINA, Cremilda *Entrevista: o diálogo possível.* São Paulo: Ed. Ática, 1990.
- MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão.  
In: MOLES, Abraham et alii. *Linguagem da cultura de massa.*  
Petrópolis: Vozes, 1973.
- PORTELLI, A. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.* In: Projeto História n 15. São Paulo, abril 1997.
- SEBE BOM MEIHY, J. C. Aulas de História Oral na USP. Faculdade de História, curso de pós-graduação, 2º semestre de 1999.
- \_\_\_\_\_ *Manual de história oral.* São Paulo, Loyola, 1997